

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ISABEL GENTA LOTUFO

**A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO NO DESENVOLVIMENTO E NA FORMAÇÃO DA
PERSONALIDADE**

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ISABEL GENTA LOTUFO

**A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO NO DESENVOLVIMENTO E NA FORMAÇÃO DA
PERSONALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado à Faculdade de Educação, curso
de Pedagogia, como exigência parcial para
obtenção do diploma de Pedagogo da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.

Orientadora: Prof.^a Dra Maria Anita Viviani
Martins.

SÃO PAULO

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Catálogo da Publicação
Sistema de Bibliotecas e Informação
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Lotufo, Isabel Genta.

A importância do cuidado no desenvolvimento e na formação da personalidade / Isabel Genta Lotufo. – 2018.

50 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.

Orientador: Prof.^a Dra Maria Anita Viviani Martins

1. Infância. 2. Desenvolvimento da criança. 3. Formação da personalidade. 4. Equilíbrio emocional. 5. Cuidar-Educar. I. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ISABEL GENTA LOTUFO

**A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO NO DESENVOLVIMENTO E NA FORMAÇÃO DA
PERSONALIDADE**

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientador: Prof. Dr. _____

1º examinador: Prof. Dr. _____

2º examinador: Prof. Dr. _____

São Paulo, de _____ de 2018

SÃO PAULO

2018

RESUMO

LOTUFO, I.G. **A importância do cuidado no desenvolvimento e formação da personalidade.** 50f. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

O presente estudo tem como objetivo apresentar, por meio da relação entre as diferentes perspectivas de Freud e Winnicott, complementadas com princípios da Inteligência Emocional, a responsabilidade da família e da escola no desenvolvimento e na formação da personalidade da criança e, como consequência, o seu papel neste processo. Foi realizada uma pesquisa de caráter descritivo, elaborada com base em dados de papel bibliográfico e/ou documental, fundamentada por livros, teses, dissertações, entre outras obras de referência. O estudo desenvolvido permitiu enxergar a importância da interferência familiar e escolar no processo de desenvolvimento individual e consciente das crianças. Verificou-se que é a partir do cuidar e educar, proporcionados pela escola e pela família, que a criança conquista melhorias significativas em seus relacionamentos sociais, afetivos e profissionais. Destaca-se que a cada passo desse processo a criança conquistará maior segurança, estabilidade e domínio emocional. Ao final deste estudo foi possível concluir que, a partir do momento em que a sociedade reconhece as crianças como construtoras de cultura, torna-se indispensável a vivência e a valorização de suas necessidades afetivas-emocionais, assim como de suas potencialidades e características únicas, tanto no âmbito familiar, quanto escolar. Torna-se assim, indispensável a relação de parceria entre a escola e a família, afim de contribuir para o desenvolvimento e formação da personalidade da criança.

Palavras-chave: Infância. Desenvolvimento da criança. Formação da personalidade. Equilíbrio emocional. Cuidar e Educar.

ABSTRACT

LOTUFO, I.G. **A importância do cuidado no desenvolvimento e formação da personalidade.** 2018. 50f. Course Conclusion Paper for Graduation. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

The present study aims to present, through the relationship between the different perspectives of Freud and Winnicott, complemented with Emotional Intelligence principles, the responsibility of the family and the school in the development and formation of the personality of the child and, as a consequence, their role in this process. A descriptive research was carried out, based on bibliographical and / or documentary paper data, books, theses, dissertations, and other references. The study allowed the recognition of the importance of family and school interference in the process of individual and conscious development of children. It has been found that it is from caring and educating, provided by the school and by the family, that the child achieves significant improvements in their social, affective and professional relationships. It is emphasized that at every step of this process the child will gain greater security, stability and emotional mastery. At the end of this study it was possible to conclude that, once society recognizes children as constructors of culture, it becomes indispensable to live and appreciate their affective-emotional needs, as well as their unique potentialities and characteristics, both in the family and school environments. Thus, the relationship of partnership between the school and the family is indispensable, in order to contribute to the development and formation of the personality of the child.

Keywords: Childhood. Child development. Formation of personality. Emotional balance. Take care and educate.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO 1 – TRAJETÓRIA DO RECONHECIMENTO DA INFÂNCIA	10
CAPITULO 2 – O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E A FORMAÇÃO DE SUA PERSONALIDADE	19
CAPITULO 3 – CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA E DA FAMÍLIA PARA O PROCESSO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

É de grande importância a parceria família-escola no desenvolvimento emocional, social e intelectual da criança, uma vez que essa desperta, orienta, ajuda e promove habilidades, competências, interesses e aptidões nas crianças e torna-as protagonistas de suas próprias vidas, além de desenvolver a capacidade de se relacionar, de agir com cooperatividade e de comunicar-se com confiança, intencionalidade e autocontrole.

Há necessidade em valorizar tanto a família quanto a escola como espaços abertos a fim de explorarem a criatividade das crianças, exercitarem a conciliação entre o ideal e as condições do ser em seu ambiente natural, histórico, cultural, social, emocional e educacional. Portanto, este trabalho explorará a importância do desenvolvimento da personalidade da criança no período da infância, como fator que torna maiores e melhores as suas conquistas sociais, emocionais e profissionais, além de auxiliar na conquista da autoconfiança, do autocontrole da capacidade de se comunicar e relacionar com espírito de cooperação.

Esta é uma pesquisa de caráter descritivo, elaborada com base em dados de papel bibliográfico e documental, fundamentada por livros, teses, dissertações, entre outras obras de referência, dividida em três capítulos que abordam princípios que conversam entre si: no primeiro capítulo, discorreremos a respeito do desenvolvimento do olhar sobre a criança ao longo da história da humanidade. No segundo, serão destacadas as perspectivas de Freud, Winnicott e Gottman (Inteligência Emocional e a arte de educar nossos filhos: como aplicar os conceitos revolucionários da inteligência emocional para a compreensão da relação entre pais e filhos), para dissertar sobre o desenvolvimento da criança e a formação de sua personalidade no decorrer de sua infância. No terceiro e último capítulo abordaremos a importância do cuidar e educar no âmbito familiar e escolar, em relação ao desenvolvimento do sujeito.

O objetivo desta pesquisa descritiva documental, é explorar, com o auxílio da perspectiva dos autores selecionados, o processo do desenvolvimento social, emocional e intelectual da criança e a contribuição singular e conjunta da escola e das famílias para o desenvolvimento de sua personalidade.

A construção de um novo olhar sobre a infância, tornou a instituição escolar como a fonte do despertar da criança em relação à percepção do que ela é capaz de criar, sendo responsável por aguçar, progressivamente, sua curiosidade pelo conhecimento, potencializando sua capacidade criativa e promovendo seu autoconhecimento.

Nesse sentido, espera-se que o educador esteja sempre livre de julgamento moral, para que possa apresentar às crianças os conteúdos e as informações necessárias à sua formação. Assim, cabe ao professor respeitar a autonomia do educando, para que tanto ele quanto os educadores, saibam a hora em que a criança pode começar a caminhar com suas próprias pernas. As crianças requerem um espaço para que nele consigam exercer a construção de seus próprios valores, sem que esses tenham que ser uma reprodução de algo moldado por outra pessoa. É indispensável que haja um respeito sobre a exploração da capacidade autônoma de julgar do educando.

O autocontrole e a possibilidade de mudar são desenvolvidos na medida em que o indivíduo se torna consciente de seus comportamentos, habilidades e sentimentos. O homem está em constante transformação e aperfeiçoamento. Sua verdadeira liberdade está em reconhecer os problemas existentes e manipulá-los de acordo com as suas crenças e modificá-los.

Portanto, esta pesquisa sublinhará a importância do reconhecimento da família na proposta pedagógica da escola, havendo identificação com os valores estabelecidos para então trabalharem e formarem, juntos e em harmonia, objetivos em prol ao desenvolvimento social, intelectual e emocional da criança. Valorizando-a e incentivando-a no caminho desse processo, pois é a partir dessa união que se conquistam melhorias significativas na formação e nos relacionamentos do indivíduo.

CAPITULO 1 – TRAJETÓRIA DO RECONHECIMENTO DA INFÂNCIA

A história do mundo, as teorias científicas e o desenvolvimento do conhecimento, são frutos gerados pelos seres humanos e construídos por meio de disputas ideológicas e por formações e dissoluções de modelos culturais, como por exemplo, o tradicional, o religioso e o autoritário, que permeavam a educação do homem ao longo do mundo antigo.

Quando o ser humano nasce, sua estrutura comportamental de essência animal, filogenética, é transformada em ontogenética, devido a socialização dos homens e à vida em comunidade. Isto é, cria-se uma nova essência por meio de um processo histórico cultural. Essa nova estrutura possibilita a conquista, por intermédio da educação, do desenvolvimento do homem como sujeito, portador de características, vocações e potencialidades.

A integração entre os seres humanos desempenha a função de socialização e de educação, pois os leva a aprender e a interiorizar as normas, os modelos sociais e o respeito à tradição transmitida pela sociedade em que estão inseridos.

O homem ao nascer necessita de uma fortificação que é obtida a partir da convivência com pessoas mais velhas, que por terem mais experiência de vida, conseguem transmitir ao sujeito a linguagem, os valores e princípios próprios da cultura da sociedade em que vivem. Assim, eles acabam proporcionando às crianças a sensação de proteção, de confiabilidade e, portanto, de fortalecimento.

A família, assim como todos os tipos de grupos humanos, transmite aos seus integrantes modelos de pensamento e de conduta adquiridos pelos seus membros durante o seu longo processo de formação e de socialização desde a fase recém-nascida até a idade adulta. De modo geral, pode-se dizer que, a partir do momento em que o sujeito incorpora os modelos de cultura pré-estabelecidos, ligados aos diversos valores dominantes do grupo, ele se torna um ser educado pelos olhos da sociedade.

Segundo Maurice Tardif (2014), o período da Antiguidade Ocidental foi seccionado em várias fases: a Arcaica, em que usavam os sentidos e as razões para compreender o universo, a alma e o corpo; a Homérica, em que a sociedade

baseava-se em vários deuses para significar a vida; a Clássica, em que Sócrates, Platão e Aristóteles preocupavam-se com o caminho rumo ao conhecimento verdadeiro e a Helenística em que os Romanos dominavam a sociedade por meio dos conhecimentos gregos.

Para Tardif (2014) a Grécia Antiga era uma sociedade denominada fechada, com regras rígidas, costumes e rituais, além de ser também um local de passagem dos nômades, o que causou mistura de diversas culturas e línguas. Essa junção despertou uma valorização maior da educação grega, vislumbrando com isso, manter os valores já existentes e não permitindo a interferência de culturas externas.

Ainda sob a perspectiva de Tardif, o ideal educativo grego era denominado pelas ideias de harmonia, equilíbrio, domínio de si e reconhecimento de seus próprios limites. A educação era representada por meio da ação exercida pelos adultos sobre e com as crianças, a fim de integrá-las à comunidade e lhes transmitir a sua cultura de acordo com os valores da época, como coragem, virtude, moral e heroísmo.

Em Atenas, cidade grega da Antiguidade Ocidental, era o Estado que decidia o tipo de educação que a criança receberia, fosse ela dentro ou fora das famílias. Áries (1981) ressalta que "a criança a partir do momento em que passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes". (p.156).

De acordo com Mariane Rocha Niehues (2012) não existia até então uma concepção de infância estabelecida. Denominavam por Paidéia o processo de preparação para a vida adulta e em sociedade, e a busca por sentido à vida, no percurso da criação apenas dos meninos gregos. Esse processo era diretamente relacionado, principalmente à política, mas também à moralidade e à ética da época, uma vez que o Estado controlava a educação.

De acordo com Tardif (2014), os Sofistas eram homens que viviam na Grécia e que viajavam bastante e, por isso, eram portadores e transmissores do conhecimento, classificado como único e verdadeiro, para os jovens e adultos gregos. A ideia de educação para eles era o resultado da junção entre a reflexão e as escolhas dos valores culturais da época, almejando a partir disso a formação e

a promoção pessoal desse homem então educado, dentro da sociedade grega. Agiam na intenção de permitir que os jovens e adultos adquirissem a cultura geral, habilidades globais, saber teórico, individualismo, originalidade, intelectualismo e verbalismo. Porém, eles apenas professavam seus inúmeros conhecimentos e davam lições a partir de um conteúdo específico, apenas com a finalidade de conquistar a atividade discursiva: o saber falar e o saber pensar.

Os gregos consideravam extremamente importante que a população dominasse a arte do “falar bem”. O diálogo é uma importante ferramenta que possibilita a aprendizagem do pensar, viver, refletir e de também se orientar por si mesmo, além de ser considerada uma característica excepcionalmente humana, como a discussão e a compreensão.

Tardif (2014) interpreta Sócrates como um importante filósofo grego que viveu entre os anos de 469 a.C e 399 a.C. e que é, ainda hoje, o símbolo humano da crise da cultura, da tradição intelectual e científica da Antiguidade Ocidental. Sua atuação trouxe uma nova realidade à sociedade grega, fundamentada na ética, na racionalidade, no autodomínio e na capacidade de ser livre, ou seja, fora do controle estatal. Sua vida e seu ensino constituíram um questionamento das tradições e dos saberes tradicionais. Ele transformava as noções comuns e os conhecimentos cotidianos em problemas, em questões e em conceitos novos que acabaram estruturando novas exigências de cultura. Foi um dos primeiros a abandonar as tradições da sociedade arcaica e a propor novos tipos de formação e de aprendizagem.

Sobretudo, Sócrates transformou a concepção de educação da época, desejando aprender e conhecer a partir do compartilhamento das certezas e incertezas sobre as quais os outros homens se apoiavam para viver. “Conhece-te a ti mesmo” é uma de suas mais importantes frases que inspirou seus seguidores compreenderem como buscar a verdade a partir do saber e da ignorância. Seu objetivo era levar as pessoas a entenderem sua própria razão e a serem capazes de descobrirem as verdades por si mesmas. Para ele, a educação não é um processo de transmissão de alguma coisa, nem um processo de imposição de um conteúdo, mas um processo de formação.

Platão (428 a.C – 347 a.C) também foi um grande filósofo da Antiguidade Ocidental e teve Sócrates como seu mentor. Segundo suas Leis (7.808d): “Mas, de todas as criaturas, a criança é a mais difícil de manipular, pois mais do que qualquer uma possui uma fonte de razão que ainda não foi refreada, é ardilosa e irascível, a mais insolente das criaturas.” (ὁ δὲ παῖς πάντων θηρίων ἐστὶ δυσμεταχειριστότατον· ὅσῳ γὰρ μάλιστα ἔχει πηγὴν τοῦ φρονεῖν μήπω κατηρτυμένην, ἐπίβουλον καὶ δριμύ καὶ ὑβριστότατον θηρίων γίγνεται.19). (FERREIRA, p.66)

De acordo com a reflexão de Niehues (2012), o abandono e a morte das crianças dessa época, em seus primeiros anos de vida eram muito comuns. Seja por uma má formação, pela morte súbita, pela miséria ou até por ser um filho indesejado. Isso resultou, conseqüentemente, em uma não estruturação de laços e, portanto, em uma criação do sentimento de indiferença com relação a elas.

“Áries fez a afirmativa surpreendente de que o mundo medieval ignorava a infância. O que faltava era qualquer *sentimento de l'enfance*, 'qualquer consciência da particularidade infantil', essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. [...] A civilização medieval não percebia um período transitório entre infância e a idade adulta. Seu ponto de partida, então, era uma sociedade que percebia as pessoas de menos idade como adultos em menor escala.” (ARIÈS, 1981 apud HEYWOOD, 2004, p. 23, apud NIEHUES, 2012, p. 285)

Ainda segundo Ariès (1986), os homens anteriores ao século X não tinham interesses sobre a infância, pois para eles nada mais era do que um período de transição, do nascimento à fase adulta, ao qual não atribuíam um significado real. De forma que, durante toda essa época, a infância foi desvalorizada. Suas representações em retratos artísticos, denominadas miniaturas *otonianas*, mais se assemelhavam com um pequeno adulto do que com de uma criança com suas características próprias.

Aos poucos, por volta do século XII, na Idade Média, a criança foi ganhando uma representação mais realista e sentimental devido o desejo de transparecer a maternidade da Virgem Maria com seu filho Jesus, o que incentivou outros retratos bíblicos em situação familiar, cujos pais estão cercados por seus filhos segundo Ariès (1986). Porém, tais representações da criança, mesmo aparecendo apenas em representações religiosas, ainda eram casos raros até meados do século XIV.

As condições demográficas em relação à mortalidade infantil não mudaram muito nesse período, porém foi se atribuindo uma nova visão em relação a elas. Uma visão, sobretudo cristã, que demonstrava sensibilidade e reconhecimento à sua alma e, conseqüentemente, certa importância foi sendo atribuída às suas personalidades.

Niehues (2012) relata que a criança começou a adquirir seu próprio espaço devido à propagação dos modelos de condutas e pensamentos cristãos do século X-XI. Dentre eles estão: a condenação de quem matasse uma criança, sofrendo acusação de bruxaria e a valorização do laço familiar, tornando assim sagrado o matrimônio e a procriação.

Com o surgimento da valorização da criança, a concepção de infância finalmente começou a se estruturar, sendo reconhecidas de acordo com suas singularidades, particularidades e sentimentos. A atribuição de significado ao laço familiar possibilitou que os progenitores passassem a sentirem-se responsáveis por aquele novo ser, tanto em relação ao afeto, quanto em relação à saúde e à educação.

Assim, a criança adquiriu um papel social importante como participante da cultura. Passou-se a reconhecê-las como seres que possuem necessidades próprias, suas competências próprias, e seus próprios modos de pensar e de agir. Transformou-se a infância em:

“o testemunho precioso de uma linguagem dos sentimentos autênticos e verdadeiros, ainda não corrompidos pela convivência mundana. Assim se elabora uma pedagogia do respeito à criança, da celebração de sua naturalidade e de sua autenticidade, de sua inocência em oposição ao mundo adulto pervertido [...].” (GAGNEBIN 1997, p. 94 apud NIEHUES 2012, p. 286)

Essa nova significância abriu portas para a formação de instituições específicas para crianças, como a escola, com a intenção de transmitir a elas a moralidade da sociedade por meio da disciplina e da educação. Segundo Niehues (2012) citando Marli de Oliveira Costa (2009), essa ideia carrega a concepção de infância como uma fase em que a criança precisa ser moldada e principalmente cuidada.

A ideia do sistema de ensino, segundo Clermont Gauthier (2014), nasce então na Idade Média, formada por um conjunto de diferentes mestres que atuavam em prol de um único objetivo, o conhecimento voltado à moralidade e à conversão cristã. Além de ser um lugar onde se transmite conhecimentos, é também um meio de educação e formação, sempre dentro dos princípios da fé cristã.

Ainda sob a perspectiva histórica de Gauthier (2014), com o passar dos anos, a tradição, a religião e a autoridade, foram desabando, criando assim visões racionalistas que vieram para modificar o olhar mítico sobre a cultura e para estruturar uma nova concepção baseada em leis e princípios em que a razão e o raciocínio serviam como base. Conseqüentemente, como um prolongamento do racionalismo, foram abrindo-se portas para o crescimento e a então formação do Humanismo, em que o Homem se situa no centro do discurso e da cultura transformando-o no próprio motor do conhecimento.

Gauthier (2014) ressalta que a sociedade então humanista, entre os séculos XIV e XVI, começou a desenvolver novas correntes de pensamento, renovando as ideias e iniciando, como por exemplo, a Reforma Protestante e a Contrarreforma Católica. Começaram a julgar como ultrapassada a concepção de educação existente até então e elaboraram assim, novas concepções como a Enciclopédia Naturalista de Rabelais e a Humanista Cultural de Erasmo, que, conseqüentemente, influenciariam na formação do intelecto do homem com princípios da ciência e do ideal culto e eficaz. Nessas concepções, o mestre deveria saber de tudo para ser capaz de transmitir todo o conhecimento possível ao aluno.

A ciência nesse mesmo período foi se fortificando e passou então a servir como substituta da fé e da autoridade da Igreja já existente, pois visavam à idealização da libertação e autonomia do homem, fruto da concepção humanista. Essa época, mais especificamente no século XV/XVI, é reconhecida como Renascimento. Importante ressaltar que nesse período eram ensinados conteúdos com objetivos comuns a muitas pessoas sem que existisse uma verdadeira estrutura pedagógica. A real preocupação estava voltada às urgências de se criar escolas, garantir sua manutenção e promover a educação em massa.

Esse novo caminho, chamado ciência, abre portas para o homem se libertar da dependência que tinha com Deus, direcionando-o para um mundo mais racional,

onde existe a liberdade, o livre arbítrio e a valorização do homem. A sede por conhecer melhor a natureza e suas leis incentivou o homem a entrar em contato diretamente com ela a partir da observação e do uso dos sentidos humanos.

Segundo Ariès (1986), é nessa época que se iniciaram também as representações das crianças sem serem necessariamente religiosas. Apareciam normalmente rodeadas de adultos, provavelmente com a intenção de mostrar que na vida quotidiana, as crianças estavam sempre por perto.

De acordo com Ariès (1986), foi com o desenvolvimento dos estudos científicos e, sobretudo em relação à importância das práticas de higiene, que a propagação de doenças foi diminuindo. Como resposta a isso, houve uma redução significativa da mortalidade infantil que possibilitou a criação de vínculos entre as crianças e os adultos, ou melhor, entre os pais e as crianças, criando, conseqüentemente, maior valorização dessa fase chamada infância.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778) foi um importante filósofo, teórico político e escritor suíço, nascido em Ermenonville, do período seguinte ao Renascimento, o Iluminismo: época da Revolução Francesa, em que se buscava atingir ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Segundo a construção teórica de Stéphane Martineau (2014), em meados do século XVIII, idealizava a igualdade democrática e uma pedagogia que respeitasse a natureza livre do ser humano. Desenvolvendo a partir disso, um projeto que nomeou de Emile, em que discorreu sobre um ensino que prepararia o homem para a sua própria liberdade, fortalecendo-o no contato com a natureza e longe da corrupção do mundo urbano.

Educar a criança antes que a sociedade a corrompa foi uma das principais problemáticas da proposta de Rousseau, pois antes dele, a criança era vista apenas como um pequeno adulto, que executava as mesmas atividades dos mais velhos, conforme a teorização de Martineau (2014). Foi a partir desse período que a infância passou a ser reconhecida como detentora de seus próprios direitos, partindo da ideia de que os primeiros anos de vida constituem uma etapa autônoma e diferenciada, que não pode ser assimilada às de uma vida adulta. Rousseau desenvolve assim a formação do intelecto a partir da educação física, do caráter moral e da natureza própria de cada uma das crianças.

O mundo, principalmente a partir do século XX, tornou-se cada vez mais complexo dentro de seu constante movimento. Os avanços, evoluções e novos desafios presentes nas diversas realidades desse século, revelaram indispensável a necessidade de transformar e acrescentar novos objetivos à educação. Tornando assim a educação como uma via para o alcance da realização pessoal e do fortalecimento dos potenciais criativos de cada sujeito, além de despertar diversas capacidades.

Essa turbulência do século XX abriu portas para a elaboração de um projeto de educação ampla, com uma concepção tanto coletiva quanto individual. Essa modificação pressupôs enriquecer o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir o mundo e a si mesmo.

“Nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender. Aprender para construir-se no processo de tornar-se homem, hominização, tornar-se um exemplar único de homem, singularização e tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela, socialização. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo e quem são os outros. Este processo nunca completamente acabado é chamado de educação.” (CHARLOT 2000 p. 53)

O homem moderno passa então a orientar sua vida em função de suas próprias escolhas e dos seus valores pessoais, encontrando em si mesmo a alavanca de sua própria ação.

Beatriz Mangione Sampaio Ferraz (2011), em sua dissertação, destaca que cada criança é uma criança, reconhecida como um sujeito curioso, interessado e com vontades, aberto para interagir, mas dependente da cultura e da sociedade para formar as suas próprias características. Como reprodutora de cultura, a criança chega ao mundo sem história formada, devido a não convivência em grupo e o seu potencial de sociabilização ainda não desenvolvido. E como produtora de cultura, desenvolve seu próprio conhecimento por meio de experiências e convivências de forma singular, de acordo com as suas interações nos diferentes espaços que frequenta.

“Entender que os bebês e as crianças pequenas são sujeitos ativos e construtores de cultura, coloca em cheque muito do que se constituiu ao

longo de uma trajetória educacional voltada para crianças bem pequenas. Aos poucos, se valorizou também as necessidades afetivas-emocionais dessas crianças e compreendeu-se a importância de se repensar a organização das instituições para receber e educa-las.” (FERRAZ, 2011, p. 82)

O cuidado é o meio de formação de um sujeito enquanto cidadão. É no momento em que se aprende a cuidar do outro que se desenvolve a capacidade de reconhecer e valorizar o próximo, identificando suas necessidades e características próprias. Ressaltando assim, pontos da formação pessoal e social da criança.

“Sendo o bebê, no início de sua vida, dependente do outro, é fundamental que ele seja acolhido em uma relação que o permita fazer uso de tal dependência a favor de seu processo de constituição como sujeito. A relação de dependência está posta e precisa ser vivida e respeitada em todos os espaços que as crianças frequentam e em todas as relações que estabelecem. Essa condição de vida apresenta para as instituições educativas que atendem a essas crianças a necessidade de realizar um trabalho muito forte e próximo com as famílias, pois passam a estabelecer uma relação de complementaridade e não de substituição, na medida em que, ao frequentar a escola a criança passa a ampliar sua rede de relações – relações essas caracterizadas pela dependência do outro, ora absoluta, ora relativa.” (FERRAZ, 2011, p.81)

É preciso que os educadores e o próprio ambiente educador acredite, cuide e propague a concepção de criança como um sujeito ativo, histórico e construtor de cultura. Ela está continuamente aprendendo sobre suas necessidades de acordo com o imediato que vive. O sujeito, ao educar-se, não se limita a fazer algo concreto, mas em fazer alguma coisa em si mesmo, como por exemplo, transformar a sua personalidade e, assim, definir-se pela sua própria ação transformadora.

CAPITULO 2 – O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E A FORMAÇÃO DE SUA PERSONALIDADE

Sigmund Freud foi um importante médico neurologista austríaco, do no início do século XX (1856-1939), que criou uma nova maneira de se interpretar a vida psíquica, por meio da Psicanálise. A Psicanálise constitui um método que se estrutura na interpretação e análise do inconsciente e de seus significados, possibilitando a busca pelo autoconhecimento e pela investigação daquilo que temos de mais obscuro, como: fantasias, sonhos e esquecimentos, ou seja, tudo aquilo que faz parte da interioridade do homem (BOCK, 2008).

“A genialidade de Freud está em ele haver compreendido que, para apreender as causas secretas que movem um ser, que movem esse outro que sofre e a quem escutamos, é preciso, primeiro e acima de tudo, descobrir essas causas em si mesmo, refazer em si — enquanto se mantém o contato com o outro que está diante de nós — o caminho que vai de nossos próprios atos a suas causas.” (NASIO, 1995, p.14).

Segundo Ana Mercês Bock (2008), a proposta de Freud é desvendar como funciona e como é estruturada a psique humana, englobando em sua teoria, três diferentes sistemas: o inconsciente, que funciona sem a noção de passado e presente – partindo de suas próprias leis – e é formado por conteúdos inconscientes, que são, na maioria das vezes, reprimidos e censurados pelo próprio consciente e normalmente esquecidos; o pré-consciente, formado por tudo aquilo que não está esquecido, ou seja, por aquilo que conseguimos trazer facilmente para o nosso consciente; e o consciente que é o sistema que atua tanto recebendo as informações do mundo externo, quanto as reflexões, raciocínios e atenções do mundo interior do homem.

Freud (1996) reelaborou sua teoria entre os anos de 1920 e 1923, sobre o aparelho psíquico separando-o em três novas instancias: o ID, lugar em que são armazenadas as funções que buscam, de uma maneira selvagem, a realização de desejos; o Ego, instancia intermediaria entre o ID e a censura a esses prazeres, ou seja, o conflito gerado pelos acontecimentos do dia-a-dia e os valores e princípios presentes no meio cultural em que vivem e que constroem a consciência moral interna, denominada Super Ego, a terceira instancia. Grande parte dessas censuras

são fruto do limite imposto pelos pais e educadores em relação aos seus desejos e conduta, a fim de gerar a capacidade de suportar o desprazer da não realização destes desejos selvagens das crianças.

“Observar-se-á que, com toda a sua diferença fundamental, o id e o superego possuem algo comum: ambos representam as influências do passado - o id, a influência da hereditariedade; o superego, a influência, essencialmente, do que é retirado de outras pessoas, enquanto o ego é principalmente determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos.” (FREUD, 1996, p.93)

Ainda seguindo a perspectiva de Ana Bock (2008), no decorrer dos anos dedicados à prática clínica, Freud descobriu que a maioria dos conteúdos inconscientes e reprimidos tinham origem em experiências e conflitos de ordem sexuais na fase da primeira infância, isto é, nos primeiros anos de vida do sujeito. Reconheceu que todas as ocorrências dentro deste período da vida das crianças marcam profundamente a estruturação da pessoa e de sua personalidade.

A teoria gerou grandes conflitos na sociedade da época, pois a população enxergava a infância como a fase inocente do ser humano. Assim, trazer a sexualidade para dentro dela, ia contra todos os princípios puritanos socialmente estabelecidos. Porém, segundo Freud (1996), a sexualidade infantil está relacionada diretamente apenas à sobrevivência e, portanto, está ligada ao próprio corpo e ao desenvolvimento da criança.

Freud (1976) estruturou essa teoria a partir de uma divisão por faixa etária dentro do desenvolvimento processual sexual da criança, em que a primeira fase, denominada fase oral, se inicia no nascimento e perdura até mais ou menos um ano e meio. Nela o cérebro identifica a boca como fonte de reconhecimento de todo o prazer e como único meio de se manifestar, como por exemplo, o ato de mamar e chorar.

Segundo Ivan Capelatto (2009), o bebê procura nessa fase a presença constante da mãe ou de um adulto que cuide dele através da boca. Ele reconhece o outro por meio do movimento, do cheiro e da presença física, e vai, a partir disso, se reconhecendo e se estruturando devido à carga celular gerada pelas células espelho. Essas células estão espalhadas pelas principais áreas do cérebro e são responsáveis pelas atividades humanas aprendidas por imitação, como: sorrir, falar

e caminhar. Esse movimento faz com que ela vá construindo sua identidade, segurança e conseqüentemente a diminuição de sua angústia e do medo da solidão.

Os estudos sobre a Inteligência Emocional realizados por John Gottman (2001), demonstram que é em torno dos três meses que o bebê começa a olhar realmente para os pais e a acompanhar o seu olhar. Nesse momento, ele está, através da observação e imitação, aprendendo a respeito de interpretação e manifestação das emoções dos cuidadores. As conversas imitativas proporcionam à criança a ideia de que o cuidador está atento a ela e está reagindo aos seus sentimentos. Essa é a primeira vez que ela se sente compreendida por outra pessoa, iniciando assim, sua comunicação emocional.

Quanto aos recém-nascidos, Gottman (2001) afirma que não se tratam de personagens passivos em relação aos pais. Os recém-nascidos querem sempre ser estimulados, divertir-se e estar emocionalmente ligados a eles. De acordo com o autor, o bebê de uma mãe deprimida tende a espelhar a tristeza, a falta de energia, a alienação, a raiva e a irritabilidade expressa por ela. O período entre três e seis meses de idade tende a ser crucial no que se refere ao modo como a expressão emocional, principalmente da mãe, pode afetar o desenvolvimento do sistema nervoso do bebê.

Os adultos que cuidam de uma criança pequena influenciam muito em seu desenvolvimento emocional. Segundo Gottman (2001), ao mesmo tempo em que está aprendendo a interpretar e a imitar as reações emocionais de seus pais, o bebê está aprendendo a dominar a capacidade de regular os estímulos fisiológicos e emocionais que as interações sociais provocam.

É importante nesse processo que os pais prestem atenção às expressões do bebê e reajam a elas, além de ajudá-los a aprender a se acalmar e a controlar suas respostas aos estímulos externos. Preparando-os emocionalmente para que tenham assim, mais facilidade em reconhecer suas próprias reações emocionais e, conseqüentemente, dominá-las.

Donald Winnicott foi um grande pediatra pós-freudiano, também do século XX, que nasceu dia 7 de abril de 1896 em Plymouth, Grã-Bretanha e morreu em 25 de janeiro de 1971 em Londres, Reino Unido. Formou-se em Medicina em 1920 e,

devido à sua identificação com a psicanálise, tornou-se um psicanalista habilitado por volta de 1935. Durante 40 anos exerceu seu trabalho de clínico em pediatria e, aos poucos, foi se dedicando mais a área de psiquiatria ao lado de Anna Freud e Melanie Klein.

Para Winnicott, segundo Arcangioli (1995), cada ser humano tem a necessidade intrínseca de se desenvolver, porém, em determinadas situações, necessita de ajuda externa para alcançar o que está pretendendo, interagindo e respondendo ao ambiente, de maneira singular e de acordo com suas necessidades e potencialidades. Winnicott (2000) desenvolve em sua obra, *Desenvolvimento emocional primitivo 1945*, a constituição do desenvolvimento humano, com enfoque no desenvolvimento da criança diretamente relacionada com a parte emocional, seguindo três diferentes processos sucessíveis: a integração; a personalização e a realização, em outras palavras a percepção do tempo, do espaço e de outros aspectos da realidade. Em consonância com as pesquisas pioneiras de Freud, Winnicott defende que:

“A infância do paciente revela-se abrigando conflitos intoleráveis, que por sua vez levam à repressão e à instauração de defesas, e assim à interrupção do desenvolvimento emocional do indivíduo com a consequente formação de sintomas.” (WINNICOTT, 2000, pg. 233).

Winnicott concentrou grande parte de seus estudos às funções exercidas pela mãe em relação ao desenvolvimento da personalidade do bebê. Nessa obra, o teórico, além de falar sobre o desenvolvimento da criança, fala também sobre a relação mãe e bebê, como resposta ao desamparo que a criança busca amenizar a partir do apoio materno e, conseqüentemente, rumo a constituição de sua personalidade. Winnicott (2002) centralizou no termo “suficientemente boa” as funções que a mãe exerce com qualidades essenciais de apoio, proteção e aceitação.

Ivan Capelatto (2009) explora a ideia de Winnicott ao dizer que, em um primeiro momento, a criança enxerga a mãe como a representação de um ambiente facilitador e fornecedor de cuidados. Porém, esses cuidados precisam superar a ideia de apenas suprir as necessidades da criança. Eles precisam ser praticados a partir do reconhecimento das particularidades do bebê e da compreensão do rumo do seu desenvolvimento emocional-afetivo e, conseqüentemente, de sua

constituição enquanto pessoa. Segundo Winnicott, “o bebê que não teve uma única pessoa que lhe juntasse os pedaços começa com desvantagem a sua tarefa de auto-integrar-se, e talvez nunca o consiga, ou talvez não possa manter a integração de maneira confiante.” (WINNICOTT, 2000, p.224).

O cuidado idealizado por Winnicott (2002) é realizado pela “mãe suficientemente boa”, por ela conseguir identificar as necessidades do filho, sem substituí-las pelas suas. A “mãe insuficientemente boa” age com insegurança e imprevisibilidade, não conseguindo oferecer os cuidados necessários e requeridos pela criança. Porém, para que isso ocorra da melhor maneira possível, requer que a criança seja criada com constância, desde o nascimento, pela sua própria mãe, pois assim ela vai aprendendo a fazer o reconhecimento do outro e de si mesma.

“As mães são vitalmente importantes, e de fato é tarefa da mãe proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer.” (WINNICOTT, 2000, p. 228)

Desde o período de total dependência do bebê com a mãe, primeiros seis meses, até a conquista de uma pequena autonomia, chamada dependência relativa, Winnicott (2002) afirma ser necessário o cuidado expressado através do *holding* e *handling*. O primeiro se refere a um cuidado associado ao contato, ao segurar fisicamente a criança, proporcionando o reconhecimento do eu na realidade externa simplificada, ou seja, em uma rotina repetitiva e estável para que ela consiga assim, fazer uma associação e, conseqüentemente, interagir com o espaço. Já o segundo se refere à função de manipulação do bebê pela mãe, como no momento do banho e de troca. Esse momento está associado diretamente ao processo de reconhecimento de união entre o psíquico e o corpo do bebê, denominado por Winnicott (2005) por personalização. Trata-se da “experiência instintiva e a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente que constroem, gradualmente, o que poderíamos chamar de personalização satisfatória” (WINNICOTT, 2000, pag.225).

Winnicott (2000) em sua obra *Desenvolvimento emocional primitivo 1945*, defende que ocorre uma mudança tanto fisicamente quanto emocionalmente em bebês que ultrapassam os 5 meses de idade, pois é só a partir dos 6 meses que os bebês costumam a agregar uma nova função motora, como, por exemplo, deixar

o objeto que antes só levava à boca, cair no chão. O bebê, nesse estágio, está mostrando que é capaz de reconhecer, por meio do brincar, que existe um mundo dele, interno e que os objetos vêm de um mundo externo. Winnicott (2000) interpreta que a criança dessa fase está enriquecendo-se com as coisas por ele incorporadas tanto psicologicamente quanto fisicamente.

Para Capelatto (2017), a economia da sociedade, a partir do século XX, começou a exigir que os pais se tornassem mais ativos economicamente, fazendo com que direcionassem o cuidado de seus filhos a outras pessoas, resultando em um possível prejuízo afetivo futuro devido ao desenvolvimento do sentimento de indiferença na criança, ou seja, do não reconhecimento do cuidador e da não criação de vínculos fortes com eles.

De acordo com Ana Mercês Bock (2008), a vida afetiva é uma parte integrante da nossa subjetividade. Nossas expressões não podem ser compreendidas se não considerarmos os afetos que as acompanham. São os afetos que determinam nosso comportamento e eles são expressos por meio de desejos, sonhos, fantasias, expectativas, palavras, gestos, além do que fazemos e pensamos.

O universo dos afetos é comunicável na medida em que as representações de coisa e palavra formam, com os afetos, um complexo psíquico inteligível, como por exemplo: o prazer e a dor. Eles se constituem em afetos originários, pois entre esses dois extremos encontram-se inúmeras tonalidades e intensidades de afetos, que podem ser vagos, difíceis de nomear ou prejudicados por consequência de uma má relação do vínculo afetivo ao longo do desenvolvimento da criança.

As emoções são expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo. Estão também ligadas à nossa própria vida como uma espécie de linguagem na qual expressamos nossas percepções internas. São como alimentos do psiquismo, pois elas compõem o sujeito e constituem um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. Os sentimentos e as emoções são elementos fundamentais para o ser humano se conhecer e, conseqüentemente, compreender o mundo e assim sentir-se parte dele.

Winnicott (1975) também estudou os vínculos afetivos, no sentido de que a criança, em sua fase de dependência absoluta, precisa de um apoio e dedicação

total familiar por não conseguir distinguir-se do mundo, apoiando-se então na família e requerendo ajuda para conseguir se integrar no mundo, por meio da representação do papel de espelho dos cuidadores. São também esses vínculos que são responsáveis pela relação que o indivíduo mantém com os outros, pois é a partir deles que se desenvolverá um ego com defesas necessárias para sua sobrevivência. Esses vínculos estão, portanto, relacionados à sensação de segurança da criança e no fato de encontrar no outro a capacidade de garantir segurança emocional e acolhimento.

De acordo com Winnicott (2000), essa unidade mãe-bebê vai sendo aos poucos quebrada, a partir do início da dependência relativa, estabelecida entre os seis meses e os dois anos de idade, através da integração dos estados mundo interno e mundo externo da criança. Essas realizações permitem que o bebê vá percorrendo o caminho de seu desenvolvimento, amadurecimento e independência, pois vai estabelecendo maior nível de confiança com o mundo externo, aspectos fundamentais para o desenvolvimento de um *Self* saudável.

“Self: Conceito psicanalítico que inclui o eu (ego) e o não-eu. É a totalidade da própria pessoa. Inclui também o corpo com todas as suas partes, a estrutura psíquica com todas as suas partes, o vínculo com os objetos internos e externos e o sujeito como oposto ao mundo dos objetos. Cf Leon Grinberg e Rebeca Grinberg. Identidady Cambio. Paidós, Buenos Aires, 1980. (N.R.T.).” (WINNICOTT, 2005).

Conforme os estudos sobre a Inteligência Emocional de Gottman (2001), o período entre os seis e oito meses é de grande exploração para o bebê, pois é a época em que ele está descobrindo um mundo de coisas, pessoas e lugares, além de novas maneiras de se expressar e compartilhar com o mundo que o cerca sentimentos como alegria, curiosidade, medo e frustração. Nesse período o bebê está se inserindo em um mundo novo de possibilidades de comunicação e interação emocional. E é nesse momento em que o cuidador passa a compreender o que a criança pensa, ajudando-a a sentir-se mais segura e mais unida emocionalmente a ele.

É nesse mesmo período que a criança começa a entender mais as palavras faladas, o que também ajuda na comunicação emocional. Essas novidades no desenvolvimento da criança, como a mobilidade física, a ligação especial do bebê

com os pais, sua compreensão da língua falada e seu medo do desconhecido, compõem sua “referenciação social”, ou seja, sua confiança em seus cuidadores como a referência sobre o que é certo e o que é errado fazer. Assim, o cuidador passa a ter um papel importantíssimo na vida da criança, o de base de segurança. Ela começa a se sentir livre para explorar, sabendo que pode voltar a essa base para se tranquilizar do estranho, do desconhecido, confiando nos sinais de expressão facial, linguagem corporal e tom de voz do cuidador.

De acordo com Gottman (2001), entre os nove e os doze meses a criança começa a entender que as pessoas podem compartilhar suas emoções. Reconhece que os pais podem sentir e pensar a mesma coisa que ela e, ao mesmo tempo, ela começa a perceber que os objetos e as pessoas em sua vida têm uma determinada dose de permanência e constância.

Voltando para a teorização de Freud (1996) sobre as fases do desenvolvimento da criança, é a partir dos 18 meses até os 3/4 anos de idade que a criança entra em uma outra fase, denominada fase anal. Esta fase recebe o nome anal devido à atribuição de importância, por parte da criança, ao controle de seus esfíncteres. Segundo Capelatto (2009), é nesse período também que se inicia o funcionamento do sistema límbico, formado pelas amígdalas cerebrais, hipotálamo, tálamo e hipocampo, que controla as funções vegetativas, ou seja, as emoções e motivações. Influencia assim, na memória e no aprendizado, além de ser o mecanismo de defesa mais profundo do ser humano, ativado quando se presencia uma frustração ou um desprazer.

A criança começa a enfrentar as decisões dos pais devido a necessidade de realização de seus desejos, despertando assim tanto o sistema límbico deles quanto dos cuidadores. Seguindo Ivan Capelatto (2009), esse é o momento em que os pais precisam controlar, além de reconhecer e saber como lidar com o seu próprio sistema, para então interagir com calma e consciência com a incapacidade de controle dos filhos sobre os seus próprios sistemas.

Entre um e três anos a criança vive uma fase divertida e excitante, pois começa a sentir-se como uma pessoa pronta para explorar sua autonomia. É a época em que a criança se torna muito mais autoritária e começa a ficar teimosa, florescendo sentimentos como a frustração e a raiva de acordo com a reflexão de

Gottman (2001). Seu objetivo nessa fase é estabelecer-se como um sujeito independente e detentor do controle sobre a situação.

Embora a criança esteja nesse período sentindo-se extremamente atraída pelas outras crianças de sua idade, ela ainda não adquiriu qualidades de sociabilidade necessárias para brincar muito bem em conjunto. Está crescendo exponencialmente o senso de individualidade da criança, sendo capaz apenas de considerar seus próprios pontos de vista, sem entender que as outras pessoas possam estar sentindo coisas diferentes como diz Ferraz (2010).

Além dessa conscientização de si mesma como um ser separado, individual, outro importante marco do desenvolvimento social da criança na primeira infância é seu interesse crescente por brincadeiras simbólicas e de faz-de-conta. Segundo Gottman (2001), a criança tem a habilidade de guardar lembranças de atos e fatos e depois recuperá-los para imitá-los mais tarde em suas brincadeiras.

Ela está nesta idade, construindo sua identidade a partir do “não” e dos “por quês”. A criança está, mais precisamente, desenvolvendo a função do reconhecimento do outro e de si mesmo. É a formação de pertinência, em que o ato do outro interessa à criança, abrindo possibilidades de ela classificar coisas como suas. Pode começar então a separar objetos externamente, como por exemplo, picar um papel, para depois juntá-lo internamente e sentir que agora aquele objeto pertence a ela, formando assim seu território. De acordo com Capelatto (2009), Winnicott dizia que dar para a criança dessa fase a liberdade para ela brincar, ajuda-a a juntar os pedaços do seu psiquismo e viver experiências de dissociação e integração da personalidade.

Winnicott (1999) defende que os “não” e os “por quês” precisam ser apresentados às crianças e precisam ser frutos dos desejos dos próprios cuidadores. São eles que desencadeiam frustrações saudáveis na criança e que, a partir delas, começam a formar o senso de juízo crítico. Porém, não se pode confundir limite com autoritarismo. O autoritarismo não permite que o sistema límbico funcione, ou seja, não abre espaço para que as emoções da criança se manifestam e floresçam.

O filho precisa sentir que os pais tomam conta dele. Segundo Winnicott (1999) é neste período que os pais precisam ajudar a criança a fazer a distinção

entre quem é ele e quem é o filho e, por consequência disso, surge a necessidade de falar não. É a fase em que o limite se faz presente. O ato de os cuidadores dizerem às crianças o que elas querem ou não que ela faça, enfatizando que essa decisão tem origem no desejo dos pais e não em uma distinção do que o filho pode ou não fazer, proporciona ferramentas às crianças para que formem suas próprias personalidades.

Ivan Capelatto (2009) acredita que quando os pais enfrentam a ação do filho, ao atribuir um determinado limite, eles estão acionando imediatamente o sistema límbico da criança, e esse sistema vai acionar o sentimento de raiva, o que muitas vezes acaba fazendo com que muitos pais retirem o limite imposto, por não suportarem a sensação de culpa que esse episódio gerou.

Contudo, é permitindo que o sistema límbico atue que se cria a possibilidade de a criança formar sua autoestima, pois assim ela consegue perceber que o cuidador foi capaz de aturar sua raiva, aquele seu lado não tão agradável. Winnicott (2000) dizia que “a criança normal tem prazer na relação impiedosa com a mãe, geralmente em meio a brincadeiras, e ela precisa da mãe porque esta é a única de quem se pode esperar que tolere a sua ausência de compaixão.” (WINNICOTT, 2000, p.230). Suportar a crise do sistema límbico faz com que com que a criança vista o desejo do cuidador e cria-se, então, a possibilidade e a capacidade ética da criança gostar de si mesma.

Capelatto (2009) ressalta que é também nesse período que surge a necessidade de os pais conseguirem controlar os seus próprios sistemas límbicos, para então lidarem com calma com a crise do sistema dos seus filhos. Sempre vai existir a preocupação de deixar que ele se manifeste, para que assim vivenciem e estruturem o controle das emoções, sensações e desprazeres, além da possibilidade de gostar de si mesmo e da valorização do cuidado do outro. É aí que se estrutura, segundo Winnicott (2005), o *Self*, o desenrolar do processo de maturação que engloba a formação e a evolução do eu e a percepção de distinção entre o inato, o espaço psíquico e seu esquema corporal.

Quando uma mãe reconhece a importância de ficar junto de seu filho e mantém uma constância nos ambientes em que ele circula, ela está possibilitando à essa criança a estruturação de um *Self* saudável. E é a partir dele que se origina

a responsabilidade e a ética humana, ou seja, por meio do sentimento de pertinência à família, ao ambiente que o cuidador proporcionará a ele e ao reconhecimento do outro.

O sentimento de pertinência proporcionado pelo desenvolvimento do *Self* possibilita que a criança faça escolhas éticas e responsáveis, além de formar nela o reconhecimento do outro, ou seja, o sentimento de empatia e compaixão. Cuidar e educar uma criança requer dedicação e a responsabilidade de, principalmente nos primeiros anos de vida, proporcionar experiências que possibilitem que ela consiga, saudavelmente, ir estruturando a sua personalidade, o seu *Self*. Caso contrário, essa criança em que o *Self* não foi devidamente estruturado, não será capaz de lidar com coisas e sensações que não pertencem a ela e a única coisa que ela reconhecerá como seu pertence, é o seu prazer, tornando-se incapaz de aturar desprazeres e de reconhecer e ser responsável pelo outro, segundo os ensinamentos de Capelatto (2017).

É também a partir da estruturação do *Self* que nasce o reconhecimento das virtudes, componentes da responsabilidade ética, ou seja, da capacidade de acreditar nas escolhas que você fez e tomar conta delas. Uma virtude que depende totalmente de uma boa estruturação do *Self*, de um bom desenvolvimento da sensação de pertinência e da capacidade se colocar no lugar do outro, é a compaixão. Ela gera a capacidade de compreender o que está acontecendo com o outro, mesmo se penalizando e se sentindo impotente em fazer alguma coisa para ajudar, bem como a coragem em assumir de maneira íntegra aquilo que acredita, a perseverança e a honestidade.

Dos 4 aos 6 anos o corpo da criança começa a mudar e ela começa a prestar atenção em seus órgãos sexuais, segundo a linha teórica de Freud (1996). Quando se sai da fase anal, o psiquismo começa a atuar, o hormônio do crescimento aumenta e o sistema límbico, gerenciador das emoções do corpo diminui sua atividade, fazendo com que as atenções da criança passem a serem atraídas pelas sensações experimentadas em seus próprios órgãos genitais, diz Capelatto (2009). Aí a criança passa a prestar atenção nos órgãos sexuais dos outros indivíduos, construindo assim a identidade de sexualização do corpo, chamada fase Fálica.

Além disso, inicia-se o período do apego, fase mais importante da nossa afetividade, por ser o momento em que a criança começa a perceber que está envolvida em um triângulo familiar, em que ela é o meio entre a relação de seus cuidadores. Nessa mesma fase, a criança inicia maior proximidade com o seu cuidador do mesmo sexo devido ao início da percepção da sexualidade. Freud (1976) insere então a sua teoria do complexo de Édipo, pois é nesse recorte da infância que a criança começa a visualizar com mais clareza as ligações que unem a mãe ao pai, instigando-a a começar a procurar seu próprio lugar nessa relação. “A mãe satisfaz todas as necessidades da criança, de modo que esta tem interesse em evitar que ela venha a dispensar cuidados a uma outra pessoa”. (FREUD, 1976 P.62).

Sobretudo, a prevalência da afetividade nessa fase, faz com que a criança crie o medo de perda, medo da solidão, procurando nos cuidadores a sensação de proteção expressa por eles a partir do cuidado e do carinho. É também nessa fase, por consequência do medo, que as crianças começam a perguntar como foi que elas nasceram, no intuito de garantir que elas realmente pertencem aos pais e, assim estabelecendo um equilíbrio emocional que permite entrelaçar os vínculos com suas família, além de gerar nelas a capacidade de crença em suas próprias vidas e na crença em relação aos outros.

Segundo Gottman (2001) é entre os quatro e sete anos que a criança está, em geral, completamente desenvolvida, fazendo novos amigos, vivendo em uma variedade de ambientes diferentes e aprendendo milhares de novidades excitantes. Em nenhuma outra situação, a criança tem tanta chance de desenvolver técnicas para regular suas emoções quanto em seu relacionamento com os colegas, aprendendo a inibir atitudes impróprias, concentrar-se e se organizar para atingir um objetivo externo.

Em suma, a criança começa a compreender os sentimentos, as vontades e os desejos do outro. As amizades ensinam importantes habilidades sociais e estimulam nas brincadeiras a fantasia que permitem às crianças o desenvolvimento de sua criatividade. A fantasia tem um importante papel de válvula de escape para as suas ideias e preocupações, mesmo que inconscientes, funcionando normalmente como um meio em que elas compartilham uma emoção devido a sensação de intimidade e espontaneidade que a brincadeira gerou.

A brincadeira do faz-de-conta também ajuda a criança a lidar com uma infinidade de ansiedades e medos que aparecem nesta idade, como o medo da impotência e vulnerabilidade, o medo do abandono, o medo do escuro, dos pesadelos, do conflito entre os pais e até da própria morte.

Segundo Capelatto (2009), o ideal nesse período é apenas permitir a manifestação dessas atitudes e, no máximo controla-las com a atribuição de um limite, a partir de um desejo do próprio cuidador ao dizer que não quer que a criança faça tal coisa. Ela está passando por um critério neurológico e precisa passar por isso agora nessa fase não precisar mais quando já estiver mais velha.

De acordo com a reflexão de Capelatto (2009) sobre a teoria de Freud, é por volta dos 6 anos as amígdalas do sistema límbico voltam a trabalhar com intensidade, criando assim uma nova fase, a fase da latência, que se prolonga dos 7 aos 11 anos de idade. De acordo com a construção teórica de Gottman (2001), é entre os oito e doze anos que a criança começa a conviver com mais pessoas e, conseqüentemente, saber o que é influência social. Ao mesmo tempo, está desenvolvendo seu lado cognitivo, aprendendo o poder do intelecto sobre a emoção devido a grande preocupação com essa influencia social.

A válvula de escape que a criança dessa fase encontra é a de não demonstrar qualquer emoção, extraindo os sentimentos das relações com seus colegas e florescendo mais o raciocínio lógico e a racionalidade. Ela está encarando a vida em termos de certo ou errado, emergindo seu próprio senso de valores e preocupações do que é justo e moral.

É um período em que a criança, agora jovem, está procurando ser aceito por sua turma, aderindo completamente às regras estabelecidas pelos integrantes e reconhecendo os padrões e valores do grupo, para então conquistar a não rejeição. É importante que em qualquer etapa do desenvolvimento infantil, os pais olhem para os conflitos e problemas existentes, a partir das perspectivas da criança.

Após os 11 anos de idade se inicia a adolescência. O sistema límbico, por consequência dos hormônios sexuais, volta a atuar com mais força, gerando uma grande oscilação de humor e provocando uma mistura de sensações e emoções incontroláveis como apresenta Capelatto (2009).

Além disso, o juízo crítico, elaborado pelo *Self*, cai por decorrência disso e os sentimentos imaturos começam a predominar devido a volta da atividade do sistema límbico. Um hormônio chamado dopamina, que é o hormônio da excitação, está no auge por ser estimulado pelos hormônios sexuais. E a serotonina cerebral começa a ser menos absorvida, desenvolvendo atitudes agressivas e depressivas intensificadas pela atuação do sistema límbico.

Na fase da adolescência a manifestação do sistema límbico vai ser um pouco mais agressiva do que nas outras fases. Porém, os pais e os educadores precisam compreendê-la e deixarem-na manifestar para, assim, ajudar os jovens a lidar com ela. Eles estão passando por uma fase que potencializa a descrença na vida e a baixo-autoestima. A parceria daquele que se junta ao adolescente para suportar a sua angústia é o que pode auxiliar na superação dessa fase. Essa parceria pode ser exercida por meio do cuidado tanto pelos pais, quanto pelos educadores, de preferência desde a fase anal.

Levando-se em consideração todas as fases do desenvolvimento da criança, pode-se entender que, em todas elas, a criança demanda de seus cuidadores uma dedicação afetuosa e emocionalmente estável para que possa estruturar uma personalidade saudável. As crianças necessitam que os seus cuidadores representem uma base de segurança para formarem seus mundos internos e externos. Desde o nascimento, as crianças precisam do comprometimento dos pais em proporcionar a elas o melhor caminho para um bom desenvolvimento emocional e então social e intelectual.

CAPITULO 3 – CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA E DA FAMÍLIA PARA O PROCESSO

Silvia Piedade de Moraes (2017) explica que Winnicott defendia que a formação do “eu” autônomo e capaz de viver e interagir em grupo depende diretamente dos aspectos contextuais, ambientais e sociais em que o sujeito vive. Essa compreensão do desenvolvimento humano de forma integral se interliga com a realidade escolar, uma vez que a inserção das crianças pequenas nos jardins de infância se tornou uma realidade comum, principalmente no pós-guerra.

Para Ferraz (2010), um exemplo de ambiente que a criança passou a frequentar é a creche. Por mais que seja um ambiente recente e ainda em fase de mudanças e evoluções em relação ao espaço e à proposta, é um ambiente que recebe as crianças e auxilia os anseios dos pais. Seu atendimento era antes apenas assistencialista, com o intuito de apenas atender as mães que precisavam trabalhar ou que não tinham condição de cuidar de seu filho, além de ser uma resposta às necessidades básicas da criança, atendendo às questões biológicas como o sono, a alimentação e a higiene.

Dentro desse percurso de resignificação do atendimento da creche, ocorre uma modificação na proposta oferecida, ampliando a visão assistencialista para uma visão voltada às questões do cuidado e às necessidades emocionais, culturais e sociais da criança. Desde pequena, a criança já está interagindo com o meio e com os outros. Ela já se manifesta e, portanto, é preciso que o espaço educador ofereça uma concepção que respeite tanto os princípios da sociedade quanto o das famílias. A creche se torna, assim, não mais um espaço voltado unicamente à assistência das necessidades biológicas das crianças, mas um espaço de socialização, cuidado e aprendizagem onde que ocorrerão as primeiras experiências das crianças.

Ainda sob a perspectiva teórica de Ferraz (2010), a pré-escola é um outro ambiente que as crianças frequentam e é praticamente a continuidade da creche. A pré-escola vai, aos poucos, atribuindo à criança uma bagagem maior de interação com o meio e novos conhecimentos vão sendo apresentados e vivenciados por elas. As áreas de conhecimento começam então a entrar no dia-a-dia da criança

de uma maneira mais sistematizada, mas sem deixar de lado a função de pensar na perspectiva da socialização, do cuidado, das interações e das aprendizagens que eles vão construir.

“A escola passa a ter uma responsabilidade também sobre as fases iniciais do desenvolvimento humano que envolve seus aspectos físicos, afetivos e intelectuais.” (MORAES, 2017, P.104)

Dentro da perspectiva teórica de Silvia Piedade de Moraes (2017), nesta fase de início da escolarização das crianças, é fundamental que os educadores estabeleçam rotinas e processos interligados entre os cuidados e o ensino, pois ambos são responsáveis pelo desenvolvimento integral de suas personalidades. Contudo, as ações devem sempre respeitar a singularidade de cada criança, na intenção de nunca entrar num ritmo padronizado, garantindo assim a formação de um *Self* seguro. O ambiente precisa oferecer segurança suficiente para que elas consigam se apropriar da rotina e conseqüentemente aproveitar dessa formação externa para sua construção interna.

“Para Winnicott toda construção do sujeito está pautada pela presença de outro que media sua apropriação do mundo imenso que a cerca. Nesse sentido, não há contradições entre o que outros teóricos não psicanalistas afirmam sobre o desenvolvimento humano – Piaget, Vygotsky e Wallon destacam o valor da alteridade na construção dos sujeitos e em seu processo de socialização.” (MORAES, 2017, P.107)

“Essa abordagem demonstra que professores e gestores escolares valorizem o tempo da família na escola discutindo questões voltadas ao desenvolvimento e criando juntas soluções em parcerias para resolver possíveis dificuldades. Reuniões em que as famílias conheçam e possam dividir experiências sobre diferentes formas de educar e cuidar de seus filhos promovem segurança e acolhimento.” (MORAES, 2017 P.109).

Para a psicanálise, quando o sujeito verbaliza suas angústias ele passa a conseguir reelaborá-las. Isto é, quando os cuidadores se reúnem com os educadores, eles conseguem compartilhar temas que, a partir dessa interação, escuta e diálogo, encontram melhores soluções.

Segundo Moraes (2017), as influências de Winnicott na pedagogia são fundamentais, pois os educadores são, depois dos familiares, os responsáveis por representar às crianças as figuras de dependência absoluta e relativa, os vínculos

afetivos e a segurança interna e externa, ou seja, são responsáveis pela continuidade do processo de amadurecimento e autonomia dos sujeitos.

“O desenvolvimento emocional iniciado na primeira infância depende de condições externas do ambiente para que haja a concretização do processo de maturação. Este ambiente apropriado e bom diz respeito aos cuidados adequados, capazes de oferecer satisfações biológicas e emocionais em cada estágio da dependência relativa ou absoluta do indivíduo.” (WINNICOTT, 2002, p.111-112)

Cuidar é reconhecer na criança o que ela tem de próprio e singular e conseguir espelhar isso a ela, gerando assim, a instalação e estruturação da autoimagem e da autoestima, dimensões do *Self* (Winnicott - 1975). A falta desse espelhamento pode gerar problemas psicológicos e comportamentais de não reconhecimento do outro.

O desenvolvimento da criança é um processo contínuo, sequencial e nem sempre gradual, que se inicia no dia da fecundação. A maneira que este processo vai se desenrolar depende muito dos pensamentos, desejos e planejamentos expressos tanto pelo lado materno quanto do lado paterno, em relação a formação deste novo ser.

Todas as etapas da vida do ser humano são relevantes. Por essa razão, legitimar a importância da infância e do cuidado oferecido às crianças neste momento, exige cuidadores qualificados e preparados. A criança já nasce em busca da base sobre quem ela é, quem ela será, do que ela gosta e do que não gosta, desenvolvendo e formando sua personalidade.

Os três ou quatro primeiros anos de vida são um período em que o cérebro da criança cresce até cerca de dois terços de seu tamanho final, e evolui em uma capacidade e em um ritmo que nunca mais voltará a ocorrer. É nesse período que os principais tipos de aprendizagem ocorrem mais facilmente, fazendo com que seja na infância o momento crucial de moldar, para toda a vida, as tendências emocionais. Segundo Luís Claudio Figueiredo, “As histórias infantis ajudam a criança a nomear, entender, aceitar e tolerar muitos elementos de sua vida corporal e mental primitiva. Esta é a base para sua transformação e crescimento emocional.” (FIGUEIREDO, 2009, p.137)

As crianças estão em busca da autonomia: no modo de pensar, de agir e de querer e da liberdade e da independência, mesmo sem saber ao certo o sentido que isso tem em suas vidas. Elas têm necessidades instintivas de satisfazerem suas curiosidades, de desbravar o mundo e, por consequência disso, seus cuidadores, que antes eram vistos apenas como fonte de carinho, acabam por assumir um novo papel de reprovador e castigador, devido ao fraco grau de compreensão por parte das crianças, dos aumentos das restrições.

A criança não aprende a se cuidar se ela não é cuidada e, para isso, é preciso que haja firmeza por parte dos cuidadores para fazer com que ela entenda que nem sempre os seus quereres são possíveis de acontecer. A questão é que a criança sabe o que quer, mas ainda não sabe se o que ela quer é possível naquela hora e, principalmente, se lhe faz bem. Por isso, os cuidadores precisam sustentar sua atitude, sua autoridade.

Sempre existirão afetos, problemas e desafios independente do modelo de família. O importante é como se constroem os laços, e como se assume a responsabilidade do cuidado com as crianças, pois é nesse universo que as crianças começam a se formar e a se constituir de acordo com suas próprias singularidades.

“A emoção age, principalmente, no nível de segurança das crianças, que é a plataforma sobre a qual se constroem todos os desenvolvimentos. Ligado a segurança está o prazer, o sentir-se bem, o ser capaz de assumir riscos e enfrentar o desafio da autonomia, poder assumir gradativamente o princípio de realidade, aceitar as relações sociais” (ZBALZA, 1998, p.51)

A psicanálise nos aponta a importância decisiva que tem o exercício da função materna e paterna para a constituição psíquica de uma criança, mas considera que o exercício dessas funções não está fixado no fato de serem mães e pais biológicos, nem mesmo de serem homens ou mulheres, o que se trata é de como se produz a transmissão ética que torna possível a formação de uma criança.

Apesar de tantas mudanças e transformações significativas em relação à moral e aos costumes tanto sociais, quanto políticos e econômicos, os pais sempre mantiveram um certo anseio: o de serem bons pais. O problema é que isso foi, pouco a pouco, sendo confundido com uma superproteção constante sobre o filho,

em que os pais fazem o possível para dar a ele tudo o que quer e assim consentem sempre com a sua posição.

Contudo, é aprendendo a reconhecer os limites atribuídos pelos pais que o filho vai aprendendo, progressivamente, a ter autocontrole sobre seus desejos e atitudes. É com os cuidadores que o filho deve aprender as primeiras lições para tornar-se uma pessoa apta a viver em comunidade. E esse aprendizado ocorre principalmente pelo exemplo e por meio da afetividade.

“A vida em família é onde iniciamos a aprendizagem emocional; nesse caldeirão íntimo aprendemos como sentir-nos em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos; aprendemos como avaliar nossos sentimentos e como reagir a eles; aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores. Aprendemos tudo isso não somente através do que nossos pais fazem e do que dizem, mas também através do modelo que oferecem quando lidam, individualmente, com os seus próprios sentimentos e com aqueles sentimentos que se passam na vida conjugal. Alguns pais são professores emocionais talentosos, outros são atozes.” (GOLEMAN, 1996, p.204)

É na família que se encontra o principal fator tanto de origem, quanto de manutenção das famosas crises de birra das crianças. Atitudes como a superproteção, a exigência por ações perfeccionistas e, principalmente, a inconstância educacional, geram inúmeras frustrações e desgostos que se manifestam com pequenas, ou em casos mais avançados, violentas reações musculares.

Tudo que se eleva ao exagero, ao excesso, se torna prejudicial. Quando o cuidado se torna excessivo, pode ocorrer um déficit na formação do sujeito, devido ao desenvolvimento da autocritica exacerbada. A criança passa a viver na dependência do superego: necessidade absoluta de se adaptar às demandas do ambiente e das pessoas que a cercam.

O cuidador precisa reconhecer momentos que requerem neutralidade e silêncio, atribuindo à criança certa independência de seus cuidados e abrindo a possibilidade de o cuidador cuidar também de si próprio e de se permitir ser cuidado. Essa independência oferecida à criança possibilitará o desenvolvimento de suas próprias capacidades cuidadoras. Nas palavras de Figueiredo, “A

mutualidade nos cuidados é um dos mais fundamentais princípios éticos a ser exercitado e transmitido”. (FIGUEIREDO, 2009, p. 141). E continua, “Apenas quem aplicou criativamente as funções cuidadoras e as exerce com a mesma criatividade pode transmiti-las de forma criativa e eficaz, e ajudar na constituição de sujeitos responsáveis.” (FIGUEIREDO, 2009, p. 145).

De acordo com Carvalho (2006), a família é o primeiro grupo responsável pela mediação entre o homem e a sociedade, capaz de interiorizar aspectos ideológicos externos e projetar em outros grupos os aspectos criados e recriados dentro do seu próprio. É nela que se transmite um conjunto de valores sociais e culturais que influenciarão relações interpessoais e competências individuais do sujeito. Esses valores são essenciais para a formação da personalidade da criança, para a sua socialização e para seu desempenho no aprendizado escolar. Ela e a escola se tornam, em conjunto, o berço de atitudes, responsáveis pela formação cognitiva, afetiva, social e da personalidade das crianças.

A recepção da criança ao plano da cultura requer propiciar a ela a possibilidade de atribuir sentido à sua vida. Esse fazer sentido está relacionado à uma experiência de integração ensinadas e facilitadas pelos cuidados.

A família e a escola são geralmente os mais aptos a oferecerem o *holding* ao longo da vida da criança. Eles oferecem condições para a transformação simbólica do sujeito, ou seja, ensinam elas a dar sentido aos seus desejos desconhecidos e inconscientes. Além disso, é importante estar constantemente incentivando o desenvolvimento da autoconsciência – conhecimento das próprias emoções – para então ter a capacidade de controlá-las e discerni-las.

De acordo com a reflexão de Maria Dessen (2007), o contexto de aprendizagem escolar, além de carregar conflitos, problemas e diferenças, reúne uma diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores. É um ambiente multicultural que abrange a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade. A escola é então uma instituição fundamental para o indivíduo e sua constituição, assim como para a evolução da sociedade e da humanidade.

A escola continuará o processo de desenvolvimento da criança iniciado pela família, introduzindo a ele a formação acadêmica e intelectual. Uma vez cultivadas

as características emocionais nas crianças em seus primeiros anos de vida, maiores serão as chances de se obter o sucesso escolar.

A vivência da cultura participativa na escola é realizada por meio de uma boa relação entre pais e professores, desencadeando assim, um melhor processo de desenvolvimento do aluno. A atuação dos pais no processo escolar dos filhos, influencia na formação da confiança, da curiosidade e do prazer na aprendizagem, além de despertar a autoconsciência e a capacidade da criança se relacionar e comunicar. Picanço afirma que é preciso:

“trabalhar cuidadosamente com os pais até termos a certeza de que os primeiros projetos são bem-sucedidos. O sucesso traz o sucesso e a autoconfiança e, como resultado, os pais ficam motivados para participarem ainda mais. Quando os pais têm uma relação positiva com os professores, eles podem ajudar os filhos a terem um comportamento correto na escola.” (CONNER apud PEREIRA apud PICANÇO, 2012, p.42)

A intenção da criança se comparar com a outra, a partir das relações sociais, é o que vai construindo seu autoconhecimento. Quem sou eu e quem sou eu em relação ao outro. Essas situações são preciosas no processo de formação da criança, pois são momentos que fazem com que cada uma passe a ver a si própria e adquirir um conhecimento do próprio corpo em relação ao do outro.

“Sabemos que os primeiros anos de vida de uma criança são cruciais para a construção de sua identidade e de sua subjetividade e, nessa perspectiva, o grupo e o ambiente em que ela está inserida têm fundamental importância nas significações que vai construindo sobre o mundo e as pessoas que a cercam. As experiências que lhes são proporcionadas nesse período devem facilitar seu amadurecimento e seu desenvolvimento.” (FERRAZ, 2011, pag 82)

Segundo Dessen (2007), Marques formulou três principais objetivos da escola do século XXI, partindo da intenção de estimular o potencial do aluno e levando em consideração as diferenças socioculturais em prol da aquisição do seu conhecimento e desenvolvimento global: a) estimular e fomentar o desenvolvimento em níveis físico, afetivo, moral, cognitivo, de personalidade; b) desenvolver a consciência cidadã e a capacidade de intervenção no âmbito social; c) promover uma aprendizagem de forma contínua, propiciando, ao aluno, formas

diversificadas de aprender e condições de inserção no mercado de trabalho. Em suma, esses objetivos procuram promover atividades ligadas aos domínios afetivo, motor, social e cognitivo relacionada diretamente à realidade que o estudante vive.

As escolas têm, sobretudo, o papel central no quesito de formação e cultivo da autodisciplina e empatia do sujeito, permitindo um real compromisso com os valores cívicos e morais da sociedade em que vive. Este papel não se resume à pregação de valores, ele engloba a práxis relacionada à formação de aptidões emocionais e sociais, e à educação voltada para o desenvolvimento moral da criança.

Conforme essa mudança da perspectiva sobre a educação infantil e sobre a criança, se tornou necessário adaptar a formação dos professores, afim de elaborar uma nova concepção crítica de educação em que haja a valorização da criança como um sujeito formador de cultura e produtor de história. Para tanto, é necessário que o educador conheça as especificidades das crianças e atue respeitosamente e em conjunto para o seu desenvolvimento integral.

Para trabalhar a individualidade das crianças, é imprescindível que os professores tenham as ferramentas necessárias para acreditar que elas são competentes e que conseguem realizar coisas por si mesmas. Assim, superarão a ideia de missão tradicional, supostamente superior de detentores do conhecimento, envolvendo os alunos em seus processos de aprendizagem e na formação e reconhecimento de suas individualidades.

O cuidado privilegia a atenção voltada aos aspectos emocionais por desempenhar um papel fundamental na constituição de uma base, ou melhor, de uma condição necessária para qualquer progresso nos diferentes âmbitos do desenvolvimento infantil.

A família e a escola são consideradas como os dois principais ambientes de desenvolvimento humano e, portanto, torna-se fundamental a existência de políticas que assegurem a aproximação entre os dois contextos, de maneira a reconhecer e valorizar suas singularidades e suas compatibilidades. Esse processo de desenvolvimento e aprendizagem permite a ampliação e inserção dos indivíduos como cidadãos e protagonistas da história e da sociedade.

Como parceiros, os pais e a escola, mais particularmente os professores, precisam se unir para juntos desenvolverem objetivos em comum em relação ao desenvolvimento da criança. Os professores, além de ensinarem conteúdos escolares, também educam os alunos no sentido de despertar neles valores como a compreensão, o respeito, a ajuda e a responsabilidade. Quanto melhor for essa parceria, mais suporte, confiança e apoio a criança terá em relação aos seus anseios.

“Todas as crianças num momento ou noutro sentem dificuldade, quer no processo de aprendizagem escolar, quer nas tarefas que lhes são exigidas, existe a necessidade de que alguém apoie a criança nesses momentos e lhe restitua a confiança nas suas capacidades.” (Villas-Boas apud PIKANÇO, 2012, p.46)

Quando as crianças são acostumadas em rotinas estáveis, usufruem dela como organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia da criança, por exemplo dentro do ambiente escolar.

Segundo Dessen (2007), os valores e as práticas educativas adotadas em casa, são cruciais em relação à estabilidade e continuidade das relações entre a família e a escola, uma vez que essas refletem diretamente no âmbito escolar, e vice-versa.

Quando a escola consegue disponibilizar diversos momentos de relação com as famílias, ela consegue criar um bom vínculo com as famílias e, conseqüentemente, uma maior participação dos pais na educação das crianças. “O problema da falta de tempo dos pais para estarem com os filhos é tal como nos refere Marques (2001, p.105) um sintoma de uma doença civilizacional que ameaça o bem-estar e o direito à felicidade.” (PIKANÇO, 2012, p.45). Porém, é importante ressaltar que existem pontos dentro da escola que são de cunho estritamente pedagógico e que, portanto, não conta com a colaboração dos pais.

“Olhamos para o envolvimento parental como uma variável importante no processo de melhoria da qualidade da aprendizagem dos alunos (...), embora tenhamos presente os benefícios do envolvimento parental na

vida na escola, consideramos que há zonas que devem estar reservadas aos professores e que devem ficar privadas da interferência exterior. Essas zonas incluem todas as decisões que dizem respeito aos modelos pedagógicos, metodologias de ensino e avaliação dos alunos.” (MARQUES apud PIKANÇO, 2012, p.41)

Dessen (2007) ressalta ser necessário o planejamento e as implementações que asseguram as parcerias dos dois ambientes – família e escola –, a fim de conquistar objetivos comuns, além de encontrar soluções para as dificuldades enfrentadas pela sociedade e pela comunidade escolar.

Uma das principais tarefas da instituição escolar é a de preparar, tanto alunos, como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento dos indivíduos.

Quando o papel do professor se centraliza na ideia de ser observador de seus alunos, torna-o capaz de conhecê-los mais profundamente. Com isso, passa a despertar o interesse do grupo e, por meio de um fio condutor, possibilita a realização de projetos repletos de informações trazidas pelas próprias crianças, que, por sua vez, motivarão a continuidade das pesquisas fora do ambiente escolar. Essa experiência é um exemplo de como o professor, mediador e observador, consegue despertar nas crianças o interesse de desenvolver uma aprendizagem significativa a partir de projetos que elaboram memórias e estruturas cognitivas que favorecem o aprendizado de conhecimentos futuros.

O educador, nesse caso, está aproveitando um tema de interesse das crianças para aprofundar e explorar diversas informações que culminam em outras situações de aprendizagem. Forma-se assim uma teia de interesses, transferindo os novos conhecimentos de uma situação para outra.

Dessa forma, é imprescindível que, diante dos argumentos expostos, tanto a escola, quanto as famílias, se conscientizem de suas responsabilidades em relação à formação da personalidade da criança em um sentido primeiramente emocional para então social e também intelectual. As escolas têm um compromisso em dar continuidade ao processo de desenvolvimento emocional da criança iniciado pelas famílias e, aos poucos, ir introduzindo-a no ambiente social, tanto

dentro da própria instituição, quanto nos arredores da comunidade, devendo buscar a aproximação das famílias nesse processo.

É muito importante que, em virtude do que foi mencionado, as famílias estejam sempre em consonância com a proposta da escola, assim como com os seus princípios, metodologia e didática. Isso porque, dessa forma, participarão do processo de desenvolvimento de seus filhos, possibilitando uma formação saudável de sua personalidade, em um sentido de não haver rupturas entre os ideais da instituição e os ideais da família. Com isso, é possível inclusive incentivar seus filhos a se empenharem e se interessarem mais pelos assuntos trabalhados dentro da escola, por reconhecerem a importância do assunto mesmo em um ambiente não institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi recuperar desde a Antiguidade Clássica o caminho para o reconhecimento da infância e do papel ativo da criança na cultura e na sociedade. Na Grécia Antiga, principalmente pelo altíssimo índice de mortalidade nos primeiros anos de vida, a criança não era reconhecida pela sociedade. No mundo medieval, a infância continuava a ser ignorada, pois os índices de mortalidade ainda não haviam sido reduzidos, impossibilitando que as famílias de uma criança criassem vínculos afetivos com elas em seus primeiros anos de vida. Porém, quando a criança conseguia alcançar uma estabilidade vital, já era induzida a acompanhar a vida adulta, passando a ser reconhecida como um adulto em menor escala.

Aos poucos essa visão foi se modificando, em razão, primeiramente, da intenção da Igreja Católica de santificar o Menino Jesus na intenção de conquistar a sociedade com sua pureza angelical. Esse novo caminho do reconhecimento e da valorização da criança, possibilitou a estruturação de uma concepção de infância além de proporcionar o reconhecimento das crianças a partir de suas próprias singularidades, particularidades e sentimentos.

Essa nova concepção permitiu a edificação dos laços familiares e da sensação de responsabilidade, tanto em relação à saúde quanto em relação à educação dos progenitores por aquele novo ser.

Reconhecer que as crianças pequenas são sujeitos construtores de cultura possibilita a valorização das necessidades afetivas-emocionais dessas crianças e, sobretudo, possibilita a organização e a criação de instituições específicas devidamente preparadas para recebe-las e conseqüentemente educa-las.

Em um primeiro momento, é na vida familiar que as crianças iniciam suas aprendizagens emocionais. Elas aprendem dentro desse ambiente a compreender como se sentem em relação à elas mesmas e como os outros irão reagir aos seus próprios sentimentos, além de aprender a avaliar e a como reagir a seus sentimentos, não somente por meio do que seus pais fazem ou dizem, mas principalmente pelo modo que lidam com os seus próprios.

O bebê em seu processo de constituição como sujeito, depende de uma relação de permissão e acolhimento que deve ser vivida e respeitada não somente pelos cuidadores, mas em todos os espaços que frequentam e em todas as relações que estabelecem.

Dessa maneira, as instituições educativas assumem um papel de complementaridade das famílias, tornando indispensável uma aproximação desses dois âmbitos do desenvolvimento da criança, em prol à sua ampliação de redes de relações sociais, enriquecendo, conseqüentemente a formação da personalidade das crianças.

REFERÊNCIAS

ARCANGIOLI, A.-M. **Introdução à obra de Winnicott**. In: Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan / sob a direção de J.-D. Nasio, com as contribuições de A.-M. Arcangioli... [et al]; tradução, Vera Ribeiro; revisão, Marcos Comaru. – Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 9-58.

ARIÉS, Philippe. **A descoberta da Infância**. In: História social da criança e da família; tradução Dora Flaksman. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara. 1986. p. 50-68.

_____. **Prefácio**. In: História social da criança e da família; tradução Dora Flaksman. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara. 1986. p. 9-27.

BOUWMAN, Marcelo Wanderley. **A ética do cuidado na clínica psicanalítica**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 36, p. 109-116, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300010&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 13 Nov. 2018.

CAPELATTO, I; MARTINS, F. J. **Cuidado, afeto e limites: uma combinação possível**. – Coleção Papirus Debates - Campinas, São Paulo: Papirus 7 Mares, 2009.

CAPELATTO, Ivan. **O desenvolvimento da personalidade ao longo da infância**. Palestra publicada pelo Instituto CPFL, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UpF1WlhU0us&list=PLyvMMekyJGJZTPpil-xvDs4ykiKXgGc5i&index=2>>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

_____. **Responsabilidade: uma virtude psíquica ou uma aquisição cultural?** Palestra publicada pelo Instituto CPFL, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tnoGrlyBCfE>>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. – Cadernos de Pesquisa UFPB, n° 110, p.143-155, julho/ 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf>. Acesso em 13 Nov. 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação sobre o saber: Elementos para uma teoria.** Trad Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 51-57.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v.17, n.36, p.21-32, Apr.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Nov. 2018.

FERRAZ, Beatriz Mangione Sampaio. **Bebês e crianças pequenas em instituições coletivas de acolhimento e educação: representações de educação em creches.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30082011-144217/en.php>>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

_____. **Na Íntegra – Beatriz Ferraz – Educação Infantil.** Entrevista gravada em 2010. Programa complementar ao curso de Pedagogia Univesp / Unesp <<https://goo.gl/7sghy2>>. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s_CkA4XjDEQ>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

FERREIRA, Luísa de Nazaré. **Violência e infância na Grécia Antiga: três aspectos de uma problemática.** Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume. Disponível em: <<https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/36608/5/Violencia%20e%20infancia%20na%20Grecia%20antiga.pdf?ln=pt-pt>>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

FIGUEIREDO, Luiz Claudio. **A metapsicologia do cuidado.** In: As diversas faces do Cuidar – novas ensaios de psicanálise contemporânea. São Paulo: Escuta, 2009. p. 131-151.

FREUD, Sigmund. (1917 [1916-1917]). **Conferências introdutórias sobre psicanálise: teoria geral das neuroses (Parte III).** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 50-66.

_____. (1940 [1938]). **Moisés e o monoteísmo três ensaios.** Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 89-104.

GAUTHIER, Clermont. **A Roma Antiga e o nascimento da escola na Idade Média**. In: A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias / Clermont Gauthier, Maurice Tardif (organizadores); tradução de Lucy Magalhães; atualização da 3 edição canadense: Guilherme João de Freitas Teixeira. 3. Ed. – Petrópoles, RJ: Vozes, 2014. p. 50-72.

_____. **O século XVII e o nascimento da pedagogia**. In: A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias / Clermont Gauthier, Maurice Tardif (organizadores); tradução de Lucy Magalhães; atualização da 3 edição canadense: Guilherme João de Freitas Teixeira. 3. Ed. – Petrópoles, RJ: Vozes, 2014. p. 102-126.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional, a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 37ª ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

GOTTMAN, John, Ph.D. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos: como aplicar os conceitos revolucionários da inteligência emocional para a compreensão da relação entre pais e filhos** / John Gottman e Joan DeClaire. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**; tradução Jussara Haubert Rodrigues. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARTINEAU, Stéphane. **O pensamento educativo de Jean-Jacques Rousseau**. In: **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias** / Clermont Gauthier, Maurice Tardif (organizadores); tradução de Lucy Magalhães; atualização da 3 edição canadense: Guilherme João de Freitas Teixeira. – 3. Ed. – Petrópoles, RJ: Vozes, 2014. p. 129-151.

MORAES, Silvia Piedade de Moraes. **Por mais Winnicott na pedagogia!**. Revista Educação v.12, n.1. 2017 (ESP). Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2888/2122>>. Acesso em: 13 Nov. 2018.

NASIO, J.D. **Introdução à obra de Freud**. In: Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan / sob a direção de J.-D. Nasio, com as contribuições de A.-M. Arcangioli... [et al]; tradução, Vera Ribeiro; revisão, Marcos Comaru. – Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 177-201.

NIEHUES, Mariane Rocha; COSTA, Marli de Oliveira. **Concepções de infância ao longo da história**. ISSN 2175-5302, Rev. Técnico Científica (IFSC), v.3, n.1

(2012). Disponível em:

<<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/download/420/342>>. Acesso em 13 Nov. 2018.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família – as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem.** – Relatório de Mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>>. Acesso em 13 Nov. 2018.

SIMARD, Denis. **O Renascimento e a educação humanista.** In: **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias** / Clermont Gauthier, Maurice Tardif (organizadores); tradução de Lucy Magalhães; atualização da 3 edição canadense: Guilherme João de Freitas Teixeira. – 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 76-99.

TARDIF, Maurice. **Os gregos antigos e a fundação da tradição educativa ocidental.** In: **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias** / Clermont Gauthier, Maurice Tardif (organizadores); tradução de Lucy Magalhães; atualização da 3 edição canadense: Guilherme João de Freitas Teixeira. – 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 16-46.

WINNICOTT, Donald W. (1965) **A família e o desenvolvimento individual.** 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Desenvolvimento Emocional Primitivo.** In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* / por D. W. Winnicott; com uma introdução de Masud M. Khan; tradução Davy Bogomoletz. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.

_____. **Os Bebês e Suas Mães.** Tradução Jefferson Luiz Camargo; Revisão técnica Maria Helena Souza Patto. – 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Conversando com os pais** / Donald W. Winnicott: edição organizada por Clare Winnicott ... [et. Al.] : introdução de T. Berry Brazelton: [tradução Álvaro Cabral] : revisão técnica Claudia Berliner. – 2ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 1999.

_____. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 153-162.

_____. **A criança e o seu mundo**. 6ª ed. - Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1979. p. 161-165.

ZABALA, Miguel A.. **Qualidade em educação infantil** / Miguel A. Zabala; Trad. Beatriz Affonso Neves. – Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 49-61.